

A BARCA DE S. PEDRO,

PERIODICO POLITICO E TALVEZ DA OPPOSICAO.

Deus meumque jus!

Este Periodico pertence á nova **Sociedade Imperial Pernambucana**, e tem por objecto sustentar os principios liberaes professados pelo partido nacional praieiro, cujos principios são: — Monarchia — Integridade do Imperio — Constituição — e Reformas na administração geral e provincial pelos meios que a mesma Constituição offerece.

NUMERO 7.

Segunda-feira 3 de Julho.

4. SERIE.

A Córte e as provincias.

Já provamos no numero 2.º deste Periodico, que a concentração do poder na Capital do Imperio não convinha ao Governo nem ao paiz; no primeiro caso o Poder se aclaria exposto á todas as vicissitudes da Capital, como os factos o tem demonstrado mais de uma vez; e no segundo não haveria administração possível nas provincias com o sistema de exclusivismo da Córte. Resta-nos por tanto provar agora, que qualquer que seja o Governo central, quer de uma quer de outra das facções, em que se dividem os nossos Estadistas, as provincias tem de ser devoradas por essas cabeças da hydra, que tem o seu pouso no Rio de Janeiro.

O sistema até agora seguido consiste em dividir as provincias em facções para enraquecel-as, armando-as e collocando-as umas em frente das outras. Reparae bem, Senhores, no que vos vamos dizer: no momento em que um partido politico se levanta em uma provincia, e proclama seus principios, o governo central levanta logo outro partido, não para sustentar principios oppostos, mas para guerrear os homons, que ou serão invocar a santidade dos principios politicos ou averiguar a moralidade dos agentes do poder; a luta degenera logo em personalidades, e toda a torpeza de uma aluvião de sarcasmos e doestos pessoas vem inverter as discussões e polloir a Imprensa. Vamos a hum exemplo.

O partido praieiro em Pernambuco alçou a voz, e proclamou á face do Brasil seus principios dentro dos limites da Constituição do Estado; queria a Constituição com todos os seus correlarios, isto é, liberdade computavel com a ordem publica, franquezas provincias de accordo com a unidade do imperio, liberdade do voto com garantias efficazes, e sobretudo segurança de vidas e de propriedades, ameaçadas sempre por uma oligarchia de familia, que tinha estabelecido o seu peclominio sobre o punhal e o bacamarte. O que fez a facção saquarema do Rio de Janeiro? alentou essa oligarchia de familia, contra a qual se havia pronunciado quando estava no poder, fel-a participante da sua importancia politica, chamou a si seus mais mesquinhos interesses, e ultimamente acaba de sacrificar a Coroa, a paz e a ordem publica, e talvez o Imperio, á esta mesma oligarchia tão conhecida e detestada.

O Senado acaba de quebrar um dos elos da cadeia, que prendia em um só fecho todas as provincias do Imperio, lançando a lava ao Imperador, e nullificando o direito das maiorias com a liberdade do voto. Ninguém tem o direito de dizer a um povo: vós não deveis votar neste

ou naquello, mas somente nos que nos aprazem; não, isto seria insuportavel tirannia; nem tendes direito de recomvir a um partido por deveres, que elle suppe de mera consciencia. Votai em quem quizerdes, e como quizerdes, niuguem exprobará os vossos candidatos, mas respeitai os nossos, e as nossas convicções. Todavia, não é este o objecto do presente artigo, vamos portanto ao que importa.

Proclamamos os nossos principios, e o que fez a facção guabirú? combates-os? não; proclamou outros oppostos, ou modificou-os? não de certo, nem uma palavra sobre principios, mas descompoz-nos, insultou-nos, ultrajou o povo, encheo-o de apodos aviltantes, de ridiculos epithetos, e por fim alparidou-se na decantada riqueza e nobreza de seus membros, cuja vida e milagres, em justa represalia, tantas vezes temos cantado em verso e em prosa *ad perpetuam rei memoriam*. E os principios, e a moral, e a ordem publica, e a paz interna? bagatellas para as facções do Rio de Janeiro, que vivem só de suas pequenas e estupidas intrigas das provincias. Ainda assim poderíamos esquecer por um momento a consequencia destes males, cuja fonte é bem conhecida; ainda poderíamos remediar a imprudencia commettida tantas vezes, servindo de ignobes instrumentos de uma politica torpe e immoral, como pode sê-lo qualquer das facções do Rio de Janeiro; ainda poderíamos recuar, bradando aos nossos contrarios: entre vós e nós ha um abysmo, não nos precipitemos nelle; vejamos um desvio, que nos acerque sem corrermos o risco de sermos todos tragados pela torrente, que sussurra perto.

Seria possível que nos entendessemos? duvidamos muito; não ha treguas entre personalidades sendo pela anniquilação de um dos contendores, é a luta do gladiador: mata ou morres. Somos como dois forcçosos atletas, que se agarraõ, se curvaõ, se entrelaçõ com tola a força de seus musculos, se arrastãõ com a violencia de seus esforços até a borda de um abysmo: ali está o suaidouro, que os ha de tragar; o Rio de Janeiro nos observa, e nos grita: avante, não recueis, avante! quando o estridor de dois corpos, que se precipitaõ, vem recordar que uma provincia inteira succumbio na voragem da guerra civil. Um riso infernal paira nos labios de alguém, foi o mau genio do Brasil, que voou do cimo do Pão d'assucar, e veio pousar sobre os nssos inseultos dos nossos compatriotas!!!

Deus nos não perdõe, se mentimos na alegoria, que acclamamos de traçar. Ali está o abysmo, não ali mais aqui mesmo; não ouvis? é o toque de agonía, que nos lembra o ultimo instante da vida social: é a guerra civil ou a anarquia, recuemos. Uma tregua! para que uma

tregon? signal de vapor do sul!!! bandeira no mastro grande, ali vem novo Presidente! quem? elle? ninguém o conhece. Desembarca uma turba desconhecida, é um vapor que desova *autoridades*, como um navio negroiro, vindo da Costa d'Africa. Quem são estes? são o Presidente, o Commandante das armas, o Secretario, os Ajudantes de ordens, os sargentos para a Secretaria militar, empregados de outra estofa, Officiaes com differentes destinos, ultimamente *colonos* para Pernambuco!! escarneo, irrisão, infamia! O pasmo e admiração nos petrificão, o odio e a raiva ruborisa as nossas faces; e o que fazemos? estupidos que somos! Voltamos as costas ao inimigo commum, e recomeçamos a luta, que nos degrada e avilta a nossos proprios olhos!

O que significa um vapor do Rio de Janeiro? um meteoro, uma manga electrica, um furacão, é o vento de levante que tudo cresta, que destroe a vegetação, é a peste, o colera morbus, é a boceta de Pandora. Ali vem a lei do orçamento, os saques sobre o thesouro, ordens para recrutamento, demissões e nomeações acintosas, negativas, exclusões &c. Lembrai-vos do dia 14 do passado; quanta ansiedade, quantas decepções, quanta irrisão, quanto escarneo de nós, de Pernambuco, da nossa patria, onde repousão os ossos dos nossos avós!!!

Vem a noticia de uma provocação do Senado, a facção saquarema insulta um partido numerozo da provincia, outro recebe a lama, que nos pretendem lançar, solta foguetes, applaudem a sua e a nossa desbouda, e estupidos dão graças a Deus pela declaração da guerra civil! Pois bem, Senhores, amanhã, talvez hoje a nossa provincia se cusanguentará, porque assim o quiz o Senado, e os saquaremas vos dirão: estupidos! sois os assassinos que compramos para uma vingança! fratricidas! a maldição de Cain vos acompanhará até a sepultura.

Conheceis ou avaliaes toda a importancia das facções do Rio de Janeiro? Não de certo, nem as comprehendeis ao menos. É uma hidra com duas cabeças, o ambas nos devorão: quer Paula e Souza ou José Carlos, quer Honório ou Vasconcellos, todos esses caudilhos encaráo Pernambuco como uma ameaça flagrante contra as suas loucas pretensões. Esta provincia é a chave de todo o Norte, é o ponto de mira d'armetado do Imperio por sua illustração e riqueza. Pernambuco é uma das provincias do Brasil, que possui maior cabedal de intelligencias; e pela força excede a todas em valor, em brios e em bisarria. Somos portanto o objecto de suspiro, de rancor e de odio para todos esses cabeçalhas de facções acastelladas no Rio de Janeiro. Enquanto medrar o seu systema de desunido e de discordias intestinas, vão elles bem, e nós pessimamente; porém se acordarmos desse estado de lethargia, em que temos vivido até agora, se nos lembrarmos, que soffremos porque estamos divididos, se um momento de seria reflexão abrir os olhos de alguns homens fascinados por mesquinhos interesses pessoais, Pernambuco seria neste caso a mais importante Provincia do Imperio.

A Guarda Nacional.

Na Europa a guarda nacional é um principio de liberdade; no Brasil tornou-se um meio de oppressão e de compressão. Quereis ver um exemplo dos antigos servos adstrictos á gleba? reparaí para a nossa g. nacional, para um batalhão de certos districtos, onde alguns figuras acastellados tocavão o clarim da chumada de cima de suas torres: pobre de quem não obedecesse, desgraça do daquelle que recalcitrasse; sobre as prisões

acintosas vinha o recrutamento, quando não um processo ou causa semelhante. Melhoramos depois da nossa influencia? pouco ou nada, porque os vicios estão nas leis de Abril de 1836 e 1839, que abrirão a porta aos escandalosos abusos da administração provincial.

A guarda nacional necessita reforma, e somos de opinião que a Assembléa provincial pode fazê-la; nem pode obstar a isso o artigo 8.º da lei de 12 de Maio de 1840, porque apenas declara não revogadas por ella as leis provincianas, que forem oppostas á interpretação dada em seus artigos, necessitando para isto de revogação expressa; mas não diz que as Assembléas provincianas o não possam fazer, ou não possam declarar, que as leis de 18 de Agosto de 1831 e de 25 de Outubro de 1832 ficão em seu inteiro vigor. Parece-nos pelo menos ser esta a intelligencia do ex Presidente Vicente Pires da Motta no seu Relatório dirigido á Assembléa provincial este anno debaixo da rubrica — Guarda Nacional. —

A nossa opinião é que nas Capitães das provincias, e nas cidades mais populosas se creasse uma Milicia com as prebendencias do Alvará de Regimento de 17 de Dezembro de 1802, ficando no interior a Guarda Nacional como as antigas ordenanças na forma do Decreto de 9 de Outubro de 1812. Isto pouco não obsta a que, em quanto a Assembléa Geral ou o Governo Central não se occupão destes negocios, nem com elles se importão, não o fica a nossa Assembléa provincial pela maneira que acima já indicamos. Ao menos far-se-ha um serviço ao Povo, tirando-lhe de cima o peso enorme do serviço gratuito de todos os dias, para que ninguém é obrigado senão quando este onus recabe em todos. Vede o que é a Guarda Nacional entre nós: todos quevem ser officiaes para depois podirem suas reformas; e qual é a consequencia? Sabei-o, e vem a ser que se tornou o titulo de soldado da Guarda Nacional sobremaneira odioso, e até ridículo e desprezível, quando na Europa é um estimulo de brio e de pundonor.

Desenganai-vos, meus Senhores: o governo mais solido e mais permanente será aquelle onde o povo tiver mais consciencia dos seus direitos e dos seus deveres. Reduzi porém todas as acções humanas a deveres pessoais, e este Povo sem direitos nunca será outra coisa senão uma espada de dois gumes contra si e contra o governo. Não ha deveres sem direitos, não ha submissão sincera sem garantias, não ha nem pode haver estabilidade nas cousas humanas senão quando preside a justiça a todos os nossos actos: justiça eterna donde dimanão todos os direitos e todos os deveres. Fazamos pois alguma coisa, ou provoquemos o Governo a que o faça; brademos em prol dos nossos direitos, apresentemo-nos de frente na carreira dos melhoramentos; avante, Senhores, nos brada a Europa, avante senão ficamos muito atax, e corremos o risco de perder o caminho.

Os Guabirús Cameleões.

Ha cousas na verdade que merecem ir para um Museo! Um guabirú cameleão! Como assim? Vamos pois a contar a historia dos guabirús transformados, ou das transformações multi-pelless dos guabirús.

Em 1814 sustentavão os guabirús a *influencia legitima* da familia Rego Barros Cavalcanti; foram derrotados completamente pela imprensa, e tomavão nova pelle: chamavão-se *ardeiros*, cousa que não tem a menor significação entre essa gente. Pela sua mesma conducta mostramos que, verdadeiros rões de policia, não podião ser amigos da ordem, nem da paz, nem das leis, nem do

governo; mudarão portanto de rumo, e chamarão-se *saquaremas*. Também provamos, que entre os saquaremas e os guabirús não havia o menor ponto de contacto, sendo o odio, que ambas estas facções votavam á actualidade, e derrotamos os pseudo-saquaremas pela imprensa; mas vingará-se de nós declarando-se *republicanos*. Mandarão buscar das Alagóas uma imprensa para o *Nazareno*, fizeram subscrições, deram dinheiro, montarão a typographia, buscaram assignantes, e pozerao o *Nazareno* em ponto de competir! Com quem? Com elles mesmos, porque foi uma rascoteira onde se acháram collidos em flagrante; o *Nazareno* os denunciou, e os novos republicanos ficaram guabirús como dantes. Ultimamente quizerao multiplicar os órgãos das idéas aventurezas da França, mandando atroar os ares com o grito da *patria*, que apenas pede que a deixem viver tranquilla: inventárao sociedades com este fim; mas o povo que tem mais senso commum que toda essa malta de aventureiros, que toda essa aristocracia de chinellos, mangou delles, e mandou-os á tabua. Finalmente não se derão por vencidos, *raparáo as pernas*, e começaram a guabirú pelas ruas, dizendo que erao *praías novas*! Guabirú praia-nova? Impossivel; e por fim de contas nem influencia legitima, nem ordeiros, nem saquaremas, nem republicanos, nem praías-novas, nem o diabo que os carregue, porque enfim guabirú é guabirú.

INTERIOR.

RIO DE JANEIRO.

CAMARA DOS DEPUTADOS.

Sessão de 10 de Junho.

O Sr. Nunes Machado: — Bem que não seja carnaval ao modo em quaesquer circumstancias, todavia não deixo de ter na actualidade serias apprehensões sobre a sorte do meu paiz: estas apprehensões se tornão tanto mais carregadas, quanto eu ouço queixumes muito profundos, e quando vejo, que estes queixumes são justos por mais de uma razão. Portanto, entendo, que consultar esses queixumes, procurar conhecer a sua causa, para applicar-lhes um remedio adequado, é um dever rigoroso, Sr. presidente, de todos aquelles, que tem em suas mãos qualquer porção de authoridade.

Uns entendem, que o meio de remediar esses males é a reforma de uma parte da nossa legislação. Entendo eu, que em verdade o nosso paiz reclama a reforma da revisão de algumas de nossas leis. Mas tambem entendo, que o paiz tem necessidade, de que o povo reclame medidas de um interesse mais immediato, de um interesse mais pessoal, se me posso assim explicar, Sr. presidente, medidas, que abrazeirem mais o paiz: medidas, que se não pudarem pôr o brasileiro em uma situação muito mais feliz, no menos que se não conservem abaixo do ultimo dos estrangeiros: medidas enfim, Sr. presidente, que garantão ao brasileiro meios mais seguros, meios mais certos de uma subsistencia honesta para si, e para seus filhos.

Eu respeito as intenções de todo o mundo, e creio, que tenho o direito de pedir, que se respeitem tambem as minhas intenções.

Aquelles que entendem, que cumpre na actualidade proceder-se de modo a desviar uma tempestade, que parece propinqua ao Brazil, e que apresento como meio para remediar esses males, a reforma de algumas de nossas leis, estão no seu direito, e eu me julgo tambem no meu direito, quando, divisando esse mesmo fim, apre-

sento outros meios, Sr. presidente, que julgo que pelo menos concorrerão para desviar esses males.

Em vista pois disto, peço licença a V. Ex. para mandar á meza um projecto de resolução.

O orador manda a mesa o seguinte projecto, que é julgado objecto de deliberação, e imprimir.

* A assemblea geral legislativa resolve:

« Artigo 1.º As casas de negocio, de qualquer genero que sejam, nacionaes ou estrangeiras, e se abrirem de novo, só obterão licença, tendo pelo menos um caixaero brasileiro.

« Art. 2.º Ficão isentos do serviço activo da guarda nacional os caixaeros brasileiros.

« Revogaõ-se as disposições em contrario.

* Paço da camara dos deputados, 10 de junho de 1848. O deputado, *Nunes Machado*.

Representação dirigida á Assembléa Provincial.

Publicamos a segunda representação feita a Assembléa provincial sobre o commercio a retalho, para que se veja a differença notavel que ha entre esta e a que levou o grupo de amotinadores, que se arrogou o título de *povo*, ameaçando a mesma Assembléa se não desistisse immediatamente as suas loucas pretensões. Somos inimigos da anarquia, e Deus permita que ella não polua a nossa capital, nem se aproxime da nossa provincia.

Senhores da Assembléa Provincial.

Os Cidadãos abaixo assignados, autorizados pelo § 30 do artigo 47º da Constituição, que lhes permite apresentar por escripto ao Poder legislativo e ao Executivo reclamações, queixas ou petições, vem perante os representantes da provincia delinear o quadro dos seus soffrimentos, e pedir um remedio prompto e efficaz, que melhore suas condições. He sabido o quanto temos soffrido pelo estado de orfandade do povo, entregue todo a interesses mesquinhos, sem que até agora nenhum dos Poderes do Estado cure de seus padecimentos. Toda a industria, todo o trabalho nos é vedado, porque os Portuguezes protegidos por circumstancias, que lhes são favoraveis, como a mesma lingua, a mesma religião, e quase os mesmos costumes, se tem introduzido entre o povo, e apoderado do pequeno commercio, da industria artistica, e de todos os ramos principaes da vida domestica. Um portuguez chapateiro, por exemplo, ou chama para a sua loja os seus patricios, ou compra escravos e os applica á este officio, excluindo dest'arte aos filhos do paiz, que quizerão aprender o mesmo officio ou já o tenham aprendido. Nada importa, que tenhamos uma profissão se a não podemos exercer, e muito menos viver do nosso trabalho, porque todos os recursos nos são tolhidos pela concorrência de estrangeiros; sendo os portuguezes os mais favorecidos pela lingua commum, e pelos que já existem no paiz, sempre em hostilidade com os naturaes por seus odios inveterados, por seus interesses mesquinhos, e sobre tudo pela audacia com que affrontão os nossos justos resentimentos. Sabemos que a Assembléa Provincial não está autorizada a legislar sobre negocios geraes, porem a males extremos remedios heroicos, e a Assembléa provincial não nos deixará correr de abismo em abismo até que nos precipitemos todos na voragem da anarquia. Vos, Senhores, não desconheceis os nossos males; pedimus que os remedieis, e o mais prompto remedio será tomar uma deliberação momentanea, em quanto recor-

remos a Assembléa Geral, ou vós o fazeis em nosso nome, como é do vosso rigoroso dever. Queremos, Senhores, que o commercio á retalho, que a pequena industria seja privativa dos fillos do poiz, e dos cidadãos naturalisados no gozo dos seus direitos politicos.

Senhores, o momento é precioso, não o percaes, perdendo-nos a todos.

Recife de Pernambuco 27 de Junho de 1848.

Duas palavras ao Lidador n. 289.

Acotmais de mentiroso o Diario Novo, porque disse, que provocastes o povo com foguetes do ar, com acinets, e com insultos dirigidos ao Imperador e á provincia de Pernambuco, que votou toda, á excepção de uma insignificante minoria, nos senhores Chichorro e Ernesto para senadores; e negais com uma impudencia inaudita a existencia de um carro triumphal, de musicas, &c., quando o ex-presidente prohibiu expressamente que nenhuma musica militar concorresse para semelhantes festejos, e até ameaçou a seus autores com abandonal-os ao furor popular, se tentassem qualquer demonstração desta natureza. Negareis a intervenção da primeira autoridade da provincia, facto este que ella mesma refirira no dia immediato, e que podemos provar com todos os chefes militares de 1.ª linha e da Guarda Nacional?

Dizeis que fostes acometidos a falça fê, tendo provavelmente contra vós a má vontade da autoridade policial, e que assim mesmo lançastes por acinte os foguetes ao ar, e que repelistes a aggressão com os proprios cacetes e bengalas dos praieiros, que não esperavão por semelhante troço!! Confessais que lançastes por acinte os foguetes ao ar, e estaveis desapercebidos? fostes os aggressores, apesar da má vontade da autoridade policial, e não contaveis com o desfôrço? Repetistes a mesma scena de escandalo no dia immediato, salistes para a rua a provocar-nos, e vos queixais da má vontade da autoridade policial? O que quereis? por ventura não se lançou um dos vossos guabirús sobre o subdelegado da Boa-vista com um punhal na mão? o que fez o sub-delegado? deo-lhe apenas uma bofetada, repellindo-o como homem, mas não o prendeo: o guabirú fugio no meio de apupadas do povo, mas não soffreo a pena da sua criminosa sleivossia. Onde está pois a má vontade da autoridade policial?

Dizeis que destes ao povo o troço da que chamais aggressão! Com effeito, destes muita pancada com as costas nas suas bengalas, e repillistes com as canellas os pontapés que levastes; o troço não foi náo, ficai-vos com elle. Nem na noite de 14 do corrente, nem na de 15 ficastes um momento nas ruas desta cidade, que forão todas occupadas pelo povo; os vossos chefes apenas appareço entre alguma escolta de policia ou da cavallaria como João do Rego; e Figueira de Mello ainda hoje procura os sapattos, que perdera. Vos admirais a isso, que este ou aquelle individuo do nosso lado apparecesse no conflicto entre o povo? Pais bem, povo somos todos, grandes e pequenos, ricos e pobres; onde está um praieiro estão todos, onde apparece o povo ali estão os chefes; não temos nem queremos preeminencias senão nos perigos; o mais valente e devotado é o primeiro entre nós, quer seja general, coronel, subalterno, sargento ou soldado, quer seja rico proprietario ou simples artista, tudo é igual.

E vós? Onde estavão os vossos chefes? Ou não apparecerão, ou fugirão cobardemente; e o certo é que recuastes como uns miseraveis. Não seremos nunca aggressores, porem não deixaremos sem troço nenhuma aggressão, que parta de vós; tanto estava disto certo

o ex-presidente, que muito louvou a nossa prudencia e moderação depois da lição, que vos deusos. Sabei que o chefe de policia e o ex-commandante das armaz se retirarão da rua do Queimado, ainda quando o povo estava reunido nos 4 cantos, tal era a confiança que lhes inspiravamos; e vós? Perguntai-o ao subdelegado da Boa-vista, cuja paciencia exasperastes a ponto de força-lo a repellir com energia as vossas provocações. Entretanto não direis que esta autoridade é praieiro; é até uma calunnia revoltante accusal-la de má vontade contra vós. Quereis que se deixasse assassinar pelo punhal do Veras? Isto não só é muito estúpido como torpe denasais para acreditar-se. A Deos, Srs. guabirús, até amanhã, que estarei com vosco.

(D. Novo.)

Progressos da revolução Franceza.

O partido exaltado em Pariz conselêra o projecto de derrubar os membros moderados do Governo Provisorio—Lamartine, Arago, Garnier Pages e Dupont de l'Eure—para os substituir por patriotas a Marat—como Blanqui Junior, Barbés, Cabet, Lagrange; mas esta tentativa malograta-se pelas medidas energicas e admiravel actividade da Policia—Devia rebeutar na noite de 12 de abril a revolta.—Em casa de Mr. Barbier, que foi preso, encontrou-se armamento e munições, e em outras casas que forão varejadas.

Foi expulso grande numero de rapazolas da Guarda Nacional, que a procuravão seduzir. As residencias das quatro membros do Governo erão defendidas de noite por fortes guardas municipias. Mr. de Lamartine conseguiu que o Governo tomasse a deliberação de permitir a entrada de 30 mil homens de tropa de linha em Pariz. Esperava-se que, dado este passo, o General Cavaigne accostasse a pasta da guerra, que novamente lhe fora offerecida.

A imprensa das Provincias continuava a protestar contra a tyrannia que na capital ensaiava—contra a imprensa—as patriotas, stigmatizando o expediente, que o Governo Provisorio tomára, pedindo a Mr. de Girardin que guardasse silencio.

O *Perigord*, jornal de Tolosa, conclue d'esta sorte: —“ Pelo que nos diz respeito, a nós periodistas dos departamentos, não cessaremos de protestar contra a mordax brutal que soffoca a voz de nossos collegas de Pariz! Fallaremos em logar d'elles, em quanto tivermos uma pena, uma imprensa, uma cabeça e um braço!”

(Correio da Tarde)

PERNAMBUCO.

TYPOGRAPHIA IMPARCIAL. — POR S. CAMINHA—1848.